



UnB viveu 2 experiências de curso superior de cinema.
Primeiro, em 65, com Paulo Emílio e Jean Claude. Depois, de
68 a 72, com Vladimir Carvalho. O arbítrio sufocou as duas

Reitor fecha Curso de Cinema

Estado de espírito da época. Era uma mostra de vozes e sotaques de migrantes da cidade. Mais do que a preocupação com a questão da identidade, o filme acabou colocando em xeque o método pedagógico posto em prática no curso. Como era uma produção que contava com recursos, já que era um convênio com o Instituto Nacional do Cinema, acontecia que, à medida que o trabalho ia se adiantando, a tendência era confiar sua finalização a um pequeno grupo já competente. Isso gerava um paternalismo que transformava o aluno num mero espectador da realização. E um exemplo de que nem sempre recurso gera ensinamento. Aliás esse caso é uma exceção, dentro do curso. Normalmente tudo era feito numa situação de grande penúria e, muitas vezes, os resultados eram estimulantes. Existia um estado de grande dinamismo. Apesar do golpe, em 64, a Universidade tinha sido atingida com o afastamento de doze professores, mas não tinha sido arrasada. Segundo Jean Claude Bernardet, permanecia seu espírito original. Havia um clima muito intenso do que se estava querendo afirmar, mesmo sem dinheiro. Para se ter uma idéia, o primeiro trabalho do primeiro semestre foi realizado sem película na máquina. Tudo não passou de teatro. Nelson Pereira escolheu um argumento do poeta francês, Jacques Prévert, e deu para os alunos fazerem roteiros. Um desses roteiros foi escolhido, houve ensaios de interpretação, uma sala foi transformada em estúdio e dentro dela se fingiu estar filmando.

Em meados da década de 60, tem início, em Brasília, uma das mais interessantes experiências pedagógicas que se tem notícia no Brasil. A idéia do curso de cinema da Universidade de Brasília surgiu em São Paulo, de uma conversa entre Paulo Emílio Salles Gomes e Antônio Cândido, professor de Teoria Literária e que já tinha organizado vários cursos interdisciplinares. Entre eles, um sobre o personagem de ficção possibilitou a introdução do cinema na USP. Então, em 64, Paulo Emílio dá um curso desse tipo no Instituto de Arquitetura da UnB. Com a grande repercussão obtida, ele e Pompeu de Souza resolveram inaugurar um curso de cinema aqui. De inicio são convidados Nelson Pereira dos Santos, Jean Claude Bernardet e Lucilla Bernardet.

O projeto que tinha em mente era um grande desafio. Era uma consequência das exigências da própria cidade. Longe dos grandes centros, do capital, e dos meios de produção, era preciso trabalhar com a precariedade. Além disso, os indivíduos que para aqui vieram encontraram um espaço novo que obrigava a uma reordenação das concepções que traziam do lugar de origem. Tinham que construir uma nova identidade. Também os coordenadores, dos cursos em formação, influenciados por essa circunstância, não precisavam se sujeitar a regras pré-estabelecidas pelo Departamento, porque elas não existiam. Do mesmo modo, participavam das grandes questões nacionais de uma forma um pouco desviada. Os intelectuais do País queriam construir, no campo da cultura, um grande projeto nacional-popular. Em Brasília tratava-se de buscar o ser brasiliense. Nos grandes centros (Rio e São Paulo), o caráter nacional tinha como modelo um todo constituído de várias regionalidades. A ponte de ligação entre as diferenças regionais era a língua. A nova capital acabou se tornando o microcosmo do paradigma abstrato. No entanto Brasília que, idealmente, representava a síntese das diferenças regionais buscava, paradoxalmente, encontrar sua própria diferença.

Apesar do clima de excitação reinante em 65, o corpo docente, em solidariedade a alguns colegas, se demitiu em sua totalidade. A reitoria teve que substituir os titulares, escolhendo professores onde conseguia encontrá-los. Os escolhidos eram, em sua grande maioria, mediocres. Os alunos se indispuaram com esse estado de coisas, nos anos 66 e 67, e chegaram a pedir à reitoria a demissão de todos. Como a reivindicação



Curso de Cinema da UnB: Fernando Duarte em Vestibular 70

não foi aceita de imediato, fizeram uma greve que durou nove meses. A reitoria voltou atrás em sua decisão, mas os professores que tinham se demitido anteriormente assumiram o compromisso moral de nunca mais voltar. Jean Claude, um dos poucos que aceitou vir, foi acusado de traidor. Ele justifica a atitude dizendo que não voltou chamado pela reitoria, mas em função de uma luta estudantil que tinha dado certo.

A despeito da extinção do curso em 65, algumas pessoas, como o Paulo Tourinho, Hermano Penna e outros que faziam animação, continuaram mantendo uma certa produção de filmes. Desaparecia a estrutura universitária específica do curso, mas a iniciativa de alguns alunos deixava um núcleo básico e foi a partir dele que tudo seria reorganizado. Jean Claude tentou chamar Ana Carolina e Linduarde Noronha. Entretanto começaram a surgir dificuldades de contratação. Esse bloqueio se tornaria muito mais forte depois, com a criação das escolas de comunicação. As universidades passaram a exigir profissionais de carreira universitária. Todos foram levados a se burocratizar, a obter títulos, a fazer teses de forma que a engrenagem universitária predominasse. Tudo passou a se encaixar dentro de normas pré-estabelecidas. O problema era que, num curso de cinema, isso ganhava proporções dramáticas. Os profissionais da área, na quase

totalidade dos casos, tinham vivência prática. Jean Claude, por exemplo, quando voltou, tinha imaginado um Departamento que não se encastelasse. Que não fosse uma ilha. Estava preocupado com a idéia de uma certa rotatividade, que profissionais pudesse lecionar durante um ano, ou um semestre, e depois voltasse para a área profissional. Daí seriam substituídos por outros. Não havia um corpo docente fixo. Segundo Jean Claude, a Venezuela fazia, na época, uma experiência desse tipo. Outro aspecto sempre levantado era a incompatibilidade entre a estrutura universitária e as necessidades de produção de um filme. Era inevitável buscar uma nova organização do tempo. Não se podia filmar obedecendo aos horários clássicos, como segunda à manhã, quarta à tarde etc.

Até 67 existia uma tendência a orientar o curso no sentido do documentário. Depois se descobriu que isso não importava. O importante era fazer alguma coisa que resultasse num ensino que afastasse a figura autoritária e paternalista do professor. Então, organizou-se um curso básico dividido em dois semestres. No primeiro, cada aluno teria que fazer um filme que fosse sua expressão. Não importava se era ficção, documentário. Também não interessava a orientação ideológica do projeto. No inicio do primeiro semestre de 69, a experiência foi posta em prática numa aula do

Maurice Capovila. Os alunos tinham escolhido o tema violência, que é muito amplo, e possibilitava abordagens muito diferenciadas. A idéia era de que tudo devia ser colocado diante de todo mundo, de tal forma que cada aluno, ou grupo de alunos, recebesse dos outros críticas e objeções. O papel dos professores não era julgar se os roteiros e depois as filmagens estavam corretas ou incorretas, apenas dariam uma certa organização e facilitariam, de alguma forma, o processo de descoberta dos alunos. Jean Claude conta que aquilo tudo acabava parecendo um psicodrama. Havia discussões intermináveis em que as partes envolvidas se mantinham irreductíveis, sem chegar a nenhuma conclusão. Esse método, entretanto, não era uma unanimidade dentro do Departamento. Fernando Duarte, por exemplo, achava a proposta muito esportista. Considerava que primeiro o aluno devia acumular informações para depois colocá-las em prática.

Em relação ao segundo semestre do curso básico havia consenso. O procedimento era exatamente o inverso. A expressão apenas individual seria desprezada em benefício de um projeto coletivo que seria levado para fora da universidade e teria uma utilidade. Novamente os professores voltavam a dar preferência ao documentário. Mesmo os alunos viam que esse gênero de filme era mais adequado para os trabalhos que envolviam escola e comunidade. Havia, ainda, um carinho especial pelo documentário, na medida em que todos os diretores do cinema novo, com exceção de Glauber Rocha, tinham começado por ai. Mas a discussão continuava aberta porque uma parte do Departamento não considerava que uma forma (documentário) se aproximava mais da verdade do que a outra (ficção). A medida que o tempo passava, o amadurecimento em torno destas importantes questões era truncado pela, cada vez maior, intervenção da reitoria dentro dos Departamentos. Em 69, e, principalmente 70, muitos professores foram sendo aposentados compulsoriamente com base nos atos institucionais de exceção, como o AI-5 e o 477. Neste ano ainda houve a contratação do documentarista Vladimir Carvalho, mas outras figuras importantes, como Jean Claude Bernardet, deixavam a cidade. O processo degenerou até que no verão de 1972 o curso de cinema da UnB foi definitivamente extinto. Alguns alunos foram transferidos para o Departamento de Comunicação, enquanto outros exigiram que a reitoria fornecesse bolsas de estudo para que pudessem terminar o curso de cinema em outra universidade.

Ficou assim interrompida uma experiência de ensino original, que ganhava consistência à medida que a cidade crescia e que as pessoas conquistavam autonomia no novo espaço.